



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

PATRÍCIA MEDRADO DE OLIVEIRA

IYÁ SUELI DE OXUM: UMA LIDERANÇA RELIGIOSA EM CANDEIAS - BA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

PATRÍCIA MEDRADO DE OLIVEIRA

IYÁ SUELI DE OXUM: UMA LIDERANÇA RELIGIOSA EM CANDEIAS - BA

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Orientador: Prof.^o Dr.^o Marlon Marcos Vieira Passos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

PATRÍCIA MEDRADO DE OLIVEIRA

IYÁ SUELI DE OXUM: UMA LIDERANÇA RELIGIOSA EM CANDEIAS - BA

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Aprovada em: 04/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof.^a Dr.^a Erica Aparecida Kawakami Mattioli

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	TEMA	9
3	PROBLEMA DE PESQUISA	9
4	JUSTIFICATIVA	9
5	OBJETIVOS	10
5.1	OBJETIVO GERAL	10
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
7	ARCABOUÇO TEÓRICO	11
7.1	A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE	15
7.2	A INTERSECCIONALIDADE E AS IYALORIXÁS NOS TERREIROS	16
7.3	ANCESTRALIDADE, RESISTÊNCIA E FÉ	18
8	CRONOGRAMA	22
	Referências	23

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade historicamente dominada por homens, nós, mulheres pretas e periféricas somos a todo tempo atravessadas pelo racismo e sexismo vigentes nesse sistema patriarcal que estamos imersas e pelo qual, os homens a todo tempo utilizam de seu poder para nos silenciar e nos colocar como seres socialmente inferiores, nos oprimindo sistematicamente em um processo de apagamento das nossas trajetórias e narrativas. Nesse sentido, Heleieth Saffioti (2015) ao debater sobre gênero, raça/etnia e poder, nos evidencia que “(...) o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual” (SAFFIOTI, 2015, p. 33).

Nesse âmbito, uma vez que paramos e analisamos as religiões derivadas da tradição judaico-cristã, podemos constatar que essa estrutura de poder social centralizada no masculino é mantida, onde o homem encontra-se presente como uma figura central, incumbido pelo ser divino para transmitir saberes e ensinamentos cristãos.

Diante disso, quando tive a oportunidade de ter contato e aproximação com o candomblé, uma religião de matriz africana, pude observar que a constituição dessa religião, rompe com a lógica do patriarcalismo e, nós mulheres negras, mesmo diante de todos os atravessamentos dos marcadores sociais de classe, raça, gênero e religião (CRENSHAW, 2002), e de todas as violências que fomos vítimas ao longo da história, seguimos trilhando caminhos de resistência ao exercermos um cargo de maior liderança dentro do candomblé, sendo grandes mentoras e responsáveis pelos ensinamentos e preservação dos saberes ancestrais e culturais.

Partindo da perspectiva do antropólogo e professor Vivaldo da Costa Lima (1976), compreendemos que o candomblé é denominado como “grupos religiosos que são caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas de santos, orixás e associadas ao fenômeno do transe místico ou possessão” (LIMA, 1976, p.66).

Em consonância, Nívea Alves dos Santos (2013), nos diz que “o candomblé, enquanto organização social e política, permite relações que são estabelecidas intragrupos e intergrupos”(SANTOS, 2013, p.104). Nesse contexto, podemos compreender que se trata de uma religião que é imbuída por diversidades, especificidades e complexidades, alicerçada por experiências e multiplicidades, tanto dos seus adeptos como pelas divindades cultuadas, onde as relações são construídas

a partir das interações, ensinamentos e trocas de conhecimentos, por meio de processos de sociabilidade entre os indivíduos e entidades sagradas.

Essa diversidade existente no candomblé da Bahia, advém dos diversos grupos étnicos que vieram para o Brasil no processo de escravização, e que ao chegarem em solo brasileiro em um processo de resistência para preservarem suas tradições, costumes e religiões, constituíram o que conhecemos hoje como o candomblé.

Conforme o pesquisador Marlon Passos (2016), o candomblé da Bahia compõe-se pelas mais importantes e grandes nações rituais, que se dividem em congo-angola, o jeje (mahi, savalu, nagô-vodum) e o ketu, tais nações possuem variantes que são conhecidas como: angola (banto), jeje (fon), jexá ou ijexá (iorubá), congo-angola (banto), ketu-nagô (iorubá) e caboclo (afro-brasileiro).

Deste modo, configurando-se em uma instituição religiosa, que possui uma filosofia de vida própria e que detém mistérios e segredos sagrados, o candomblé ao longo do tempo vem preservando os ritos, tradições, costumes, valores e saberes dos antepassados africanos, em um processo de resgate da identidade negra brasileira.

Nesse sentido, quando analisamos essa religião, percebemos que as mulheres negras, ascendem e chegam a exercer o papel de líderes em seus terreiros. Enquanto sacerdotisas, líderes religiosas, culturais e sociais, que exercem o poder mítico religioso, essas mulheres representam a força do candomblé e contribuem para a difusão do conhecimento sobre a religiosidade.

Partindo daí, podemos constatar que dentro do candomblé, a ascensão das mulheres negras, vai além do casamento e da maternidade e ao estarem à frente dessa religião, vem ocupando o espaço político e de poder, tendo uma participação efetiva e tornando-se referências religiosas e políticas em suas comunidades.

Nesse contexto, estudar, debruçar-me sobre essa temática, ao mesmo tempo que é desafiador e cheio de percalços, torna-se graficamente e trás uma sensação de pertencimento, onde consigo enxergar para além dos limites que nos foram impostos pelo sistema patriarcal.

Nunca estive ligada a nenhuma religião, embora na infância frequentava a igreja católica, os laços nunca foram construídos e criança mesmo, por algum motivo deixei de estar presente naquele espaço cristão. Hoje, permaneço não tendo vínculos com quaisquer religiões, mas quando me permitir conhecer o candomblé, pude sentir que a dimensão do meu ser ligada a espiritualidade expandiu-se, ao está em um

terreiro de candomblé, no espaço onde acontece os rituais e onde as energias dos seres com intencionalidades fluem, sentir que aquele ambiente é mais do que os meus olhos pudessem enxergar, era tudo aquilo que meu espírito era capaz de sentir.

Durante as visitas no terreiro de candomblé, presenciei momentos de festa e rituais que estava destinado aos orixás e nessas ocasiões apenas assistia, observava, ouvia as cantigas, o som que ecoava dos batuques dos atabaques, as pessoas na roda em louvação às suas divindades. Toda aquela energia, tocou-me de uma forma, que as lágrimas escorreram pelos olhos, e a sensação de pertencimento me dominou. Percebi que além de todos os fatores que permitiam aquela conexão, o fato de uma mulher negra está no centro da roda, conduzindo e passando os saberes, fez toda a diferença e configurou-se como fator preponderante que desencadeou essa vontade em estudar, identificar e compreender os desafios da mulher negra que ocupa o cargo de liderança no candomblé.

Na primeira vez que estive presente em uma casa de candomblé, o universo e os orixás contemplou-me com a honra de pisar meus pés no solo fertilizado e sagrado do Ilê Axé Ominikan, situado no Recôncavo da Bahia na cidade de Candeias/Ba. Nesse terreiro, tive o prazer de conhecer a Iyá¹ Sueli de Oxum, uma líder ancestral, uma pessoa iluminada, perseverante e detentora de uma fé inabalável.

Maria Sueli de Santana, nasceu em 15 de março de 1959 e foi iniciada no candomblé em 25 de dezembro de 1977, a partir dessa data ganhou seu nome espiritual Ominikan de Oxum. Seu terreiro, o Ilê Axé Ominikan, localizado no bairro do Santo Antônio em Candeias, tem 22 anos de fundação e é um dos terreiros mais respeitados da cidade. Terreiro este, de nação ketu-nagô (iorubá), mas que pratica abertamente rituais e cerimônias ligadas a outras nações rituais como; congo-angola (banto) e jeje (fon), em um processo de trocas e misturas litúrgica, que o pesquisador Marlon Passos (2016), irá denominar como “transnação”, um fenômeno ligado a coexistência ritualística diária que se dá entre as nações, onde vários rituais se fundem ou se interligam.

Maria Sueli de Santana, enquanto mãe de santo e líder para além da ancestralidade, vem ao longo da sua existência em uma labuta constante, enfrentando e lutando contra o domínio patriarcal, sexista e racista presente na sociedade. Filha de mulher negra, mãe solo, empregada doméstica e não alfabetizada, essa

¹ Palavra de origem iorubá que significa “mãe de Santo”.

sacerdotisa de orixá, não se deixa abater pelos percalços que aparece e atravessam seu caminho e, através da fé, sabedoria e resiliência adquiridas por meio da cosmovisão iorubá, em movimentos de resistência, vem superando as dificuldades, o preconceito, a intolerância religiosa, a discriminação, o racismo e tantas outras problemáticas sociais.

Em virtude desse encontro ancestral entre mim e a Iyá Sueli de Oxum, e da relação que solidificamos no decorrer das minhas visitas ao seu terreiro, nasce o interesse em querer identificar e compreender os desafios existentes em sua trajetória a partir das experiências vivenciadas por essa sacerdotisa, entrelaçando os marcadores sociais de raça, gênero, classe e religião, que lhe atravessam enquanto mulher negra, periférica e de candomblé, numa leitura interseccional, com base no conceito de Interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002), partindo também da perspectiva de Carla Akotirene (2018), para entender a intersecção e sobreposição das múltiplas identidades que constitui o seu ser.

Assim sendo, este projeto de pesquisa tem como foco principal, discorrer e analisar os desafios existentes na trajetória da Iyá Sueli de Oxum, uma mulher negra de uma religião de matriz africana, que lidera um terreiro de candomblé em Candeias/Ba no Recôncavo da Bahia. Em consonância, temos a intenção de entender e identificar os mecanismos e estratégias de resistência que essa matriarca e líder religiosa, emprega em seu dia a dia para superar e ultrapassar os desafios e as barreiras impostas por esse sistema patriarcal, sexista e racista que constitui a sociedade, no qual estamos inseridas.

Ademais, buscaremos identificar seus desafios, enquanto liderança feminina dentro e fora do terreiro, destacando a possibilidade de se realizar religiosa, política e socialmente, ocupando esse espaço de poder e tradição. Enfatizaremos também a importância do seu papel para o resgate da identidade feminina e da memória das mulheres negras de terreiro de Candeias e por extensão do Recôncavo baiano, além da sua contribuição para a difusão e manutenção dos conhecimentos religiosos do candomblé, para a preservação da cultura afro-brasileira.

2 TEMA

Liderança negro-feminina em terreiros de candomblé na cidade de Candeias, na Bahia.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Em uma perspectiva interseccional, quais os desafios enfrentados pela mãe de santo Sueli de Oxum ao empreender seu sacerdócio na cidade de Candeias ?

4 JUSTIFICATIVA

“Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história”. (XAVIER, 2019)

Tendo como proposta trazer uma maior visibilidade acerca do papel social da mulher negra do candomblé no Recôncavo da Bahia, a relevância social deste presente trabalho está intrinsecamente ancorado na importância da trajetória de luta da Iyá Sueli de Oxum, que como mulher negra, sacerdotisa de candomblé e líder religiosa, pertencente a uma comunidade do interior baiano, através da sua fé, ancestralidade e resistência vem ao longo da sua vida, dedicando-se em proveito da disseminação e manutenção dos conhecimentos sobre a religiosidade afro-baiana.

Ao desvelar sua trajetória e destacarmos as suas estratégias de resistência para superar os diversos desafios que enfrentou e enfrenta em seu cotidiano, ao está posicionada em avenidas identitárias, evidenciamos e reconhecemos a sua importância histórica, social e política para a comunidade, na qual está inserida. Uma vez que, por meio de suas variadas atuações desde a sacerdotal, a ritualística, a comercial, até a política vem fortalecendo o candomblé e resgatando a identidade e o poder feminino em um processo de emancipação política e identitária.

Ademais, convém ressaltar o protagonismo da mulher negra em diáspora na construção da sua própria história, a partir das suas subjetividades, representando o matriarcado e exercendo o poder feminino negro dentro e fora dos terreiros,

engajando-se de forma sociopolítica no resgate da memória das mulheres negras de terreiro de Candeias, no processo de difusão da nossa cultura e no fortalecimento da nossa herança ancestral, contribuindo para a solidificação da memória coletiva e individual, que é de extrema importância para a continuidade de um povo.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Identificar e compreender os desafios existentes na trajetória da Iyá Sueli de Oxum, a partir das suas experiências, entrelaçando os marcadores sociais de raça, gênero, classe e religião, numa leitura interseccional.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar como a Iyá Sueli de Oxum, enquanto mulher negra candomblecista, se sente hoje, ocupando um lugar de poder e sendo ouvida e respeitada numa religião afro-brasileira;
2. Compreender a construção identitária feminina negra assentadas em candomblés;
3. Identificar os aspectos sociais, de gênero, raciais e religiosos implicados na luta diária da mulher negra de candomblé.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho de pesquisa, utilizaremos o método da pesquisa qualitativa, com finalidade de identificar e compreender os desafios existentes na trajetória da Iyá Sueli de Oxum, entrelaçando os marcadores sociais de gênero, raça, classe e religião. Uma vez que, “constitui uma abordagem interpretativa que se preocupa em entender os significados que as pessoas dão a certos fenômenos que ocorrem dentro de seus

contextos sociais”(Snape & Spencer 2003 apud Campos et al. 2021. p. 95), possibilitando nos aprofundarmos na compreensão de uma determinada realidade social.

Quanto aos procedimentos, empregaremos a pesquisa bibliográfica alicerçada em leituras teóricas e historiográficas que são de suma importância para a fundamentação e fortalecimento dos argumentos aqui expostos, em um processo de diálogo e reflexão com as ideias, conceitos e teorias dos pesquisadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

Em virtude do caráter essencialmente qualitativo, etnográfico e documental, este projeto se valerá da utilização das técnicas de observação participante e aplicação de entrevista não estruturada, em um processo de combinação com as fontes escritas e orais, além da análise do documentário sobre a Iyá Sueli de Oxum, “Ominikan: águas que regam os sonhos” para entendermos as dinâmicas existentes na sua trajetória de luta e resistência dentro do candomblé.

É importante enfatizarmos que a entrevista, segundo Haguette (2010), "pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações, por parte do outro, o entrevistado". A entrevista não estruturada será realizada em uma experiência presencial com a iyalorixá em seu terreiro.

Durante o processo de observação dos fatos, cerimônias ritualísticas e o cotidiano da mãe de santo empregaremos o instrumento diário de campo para registrar as percepções, sentimentos e reflexões acerca dos acontecimentos que ocorrem dentro do terreiro. No que tange a combinação dos métodos e técnicas de coleta de dados adotadas, constatamos que está intrinsecamente atrelado a pesquisa etnográfica, que segundo o antropólogo Marlon Passos (2016), a partir de leituras historiográficas, aprofundam conhecimentos sobre as religiões de matrizes africanas e os legados culturais advindos do continente africano e reconstruídos em diáspora.

7 ARCABOUÇO TEÓRICO

Para dialogarmos e alcançarmos um aprofundamento histórico sobre as mulheres no candomblé, chamo Teresinha Bernardo (2005) para iluminar e fortalecer

meus argumentos, acerca dos aspectos que levaram a mulher ao mais alto nível de hierarquia, dentro do candomblé, detendo o poder religioso.

Podemos constatar através dos estudos de Bernardo (2005) que o poder feminino no candomblé tem suas origens intrinsecamente ligadas ao cotidiano da mulher negra ainda na África. Onde a presença das mulheres iorubás nas feiras, com seus tabuleiros, desenvolvendo atividades voltadas para a comercialização de produtos de subsistência, trocas de bens materiais e simbólicos, possibilitaram a construção de alianças importantes e a conquista da sua autonomia, apresentando-se como grandes comerciantes.

Em consonância, destaca-se a fundação de duas importantes associações femininas; as sociedades Ialodê e Gueledé. O nome Ialodê significa "senhora encarregada dos negócios públicos" (BERNARDO, 2005, p.4), sendo essa associação responsável pela troca de bens materiais, e a sociedade Gueledé era uma associação mais próxima da troca de bens simbólicos (BERNARDO, 2005).

No movimento diaspórico, desencadeado pelo processo de escravidão dos povos africanos trazidos para o Brasil, as mulheres ao chegarem no território brasileiro trouxeram consigo suas heranças e características de comerciantes, e mesmo na condição de ganhadeiras-escravas, desempenharam o papel de mediadoras de bens materiais e simbólicos, "nas feiras faziam circular também notícias, informações, músicas, orações" (BERNARDO, 2005, p.6). A autora continua:

Essas atividades comerciais recriadas no Brasil ainda na época da escravidão fazem com que surjam as ganhadeiras, escravas ou livres, que em muitas regiões tornam-se as responsáveis pela distribuição dos principais gêneros alimentícios, chegando a comprar a própria alforria, numa forma de liberdade que, por sua vez, beneficiou muito mais as mulheres, que eram menos necessárias à produção sobre a qual o sistema escravocrata estava constituído (BERNARDO, 2005, p.10).

Outro aspecto que contribuiu para que as mulheres afro-brasileiras ocupassem o cargo de líder nas casas de santo, deve-se à matrifocalidade combinada com a matrilinearidade. Notamos, que nos terreiros de candomblé a "existência da matrilinearidade é comprovada também pelo jogo de búzios - peça-chave do Candomblé - em que as mães-de-santo tradicionais antes da primeira jogada pede o nome e o sobrenome da cliente, só que este último só do lado materno" (BERNARDO, 2005, p.16).

Diante dos fatores que contribuíram para a proeminência das mulheres negras na liderança do candomblé, destacamos a formação das primeiras casas de santo no solo baiano, sendo o terreiro da Casa Branca do Engenho Velho (Ilê Axé Iyá Nassô Oká) um dos mais importantes, fundado na cidade de Salvador/BA. A partir daí, suas descendentes abriram outros terreiros, que assim como a Casa Branca, ganharam notoriedade, destacando-se o Terreiro do Gantois (Ilê Iyá Omi Axé Yámassê) e o Ilê Axé Opô Afonjá, seguindo a descendência matrilinear da tradição de lideranças femininas, detendo o poder religioso, comandando os rituais e desempenhando atividades voltadas para a realização de cultos à natureza, aos orixás e a ancestralidade (SANTOS, 2018).

No que tange a proeminência ritual das mulheres no candomblé, a mãe de santo Stella de Oxóssi, uma das mais importantes ialorixás e liderança religiosa feminina da Bahia, afirma que:

[...] as pioneiras do Candomblé eram princesas africanas que vieram para a Bahia em fins do século XVIII, criaram o princípio de que as suas casas religiosas só poderiam ser lideradas por mulheres. Uma tradição mantida até hoje nos terreiros mais antigos como: a Casa Branca, o Alaketu, o Gantois, o Afonjá e o Cobre (Mãe Stella de Oxóssi apud MARIANO, 2007, p. 38).

Dessa forma, percebemos que no cerne das religiões derivadas do cristianismo como o catolicismo romano e o protestantismo, as mulheres ao longo da história dentro da construção da estrutura de hierarquia das igrejas, não ocupam lugares de maior visibilidade (CRUZ, 2013), já quando partimos para a esfera das religiões afro-brasileiras, em específico o candomblé, identificamos que são as mulheres negras, com base no matriarcado que lideram seus terreiros, sendo as responsáveis pela formação das primeiras casas de candomblé, e enquanto sacerdotisas desempenham o papel de líderes religiosas e espirituais.

Nesse sentido, ao seguirmos o percurso etnográfico da antropóloga Ruth Landes (2002), com base em seu livro *A Cidade das Mulheres*, podemos analisar e refletir sobre a condição feminina e o lugar que as mães de santo ocupam na sociedade baiana, enquanto sacerdotisas guardiãs de uma filosofia religiosa. Ademais, Landes nos conduz na compreensão das dinâmicas que constitui o matriarcado, a primazia feminina nos candomblés da Bahia e o poder das mulheres nos terreiros que buscam construir suas trajetórias independentes.

Sobre o sacerdócio feminino e negro, a autora afirma que:

No terreiro de candomblé, os segmentos subalternizados da sociedade podem experimentar a possibilidade de ascensão social e de desenvolvimento em uma nova sociabilidade, metamorfoseando seus lugares de desvantagem social em posicionalidades de prestígio, geralmente ligadas à hierarquia religiosa. Nesse lugar, as mulheres, inclusive as negras pertencentes à classe social mais pauperizada, ocupam altos cargos, diferentemente do que se verifica em outras religiões. Corroborando esse dado, tem-se que, sobretudo nas casas religiosas mais tradicionais brasileiras a organização sociorreligiosa nesses espaços se estrutura a partir da lógica matrilinear, sendo a figura mais importante na hierarquia religiosa a mãe-de-santo ou Iyalorixá (iyá=mãe). (LANDES, 2002, p.87)

Ao analisarmos a sociedade do século XXI, constatamos que as mulheres têm uma maior possibilidade de ocupar lugares de destaque e de poder no âmbito religioso, entre outros, do que nos séculos XVIII e XIX. Mas, quando essas mulheres, essencialmente mulheres negras se encontram nesses ambientes, esse fato gera repulsão por parte das pessoas e isso acontece porque elas estão inseridas nessa sociedade estruturada por valores eurocêntricos, patriarcal, sexista e racista. Logo, passamos a imaginar como essas mulheres eram tratadas e vistas nos séculos XVIII e XIX, ao exercerem o papel de liderança dentro de uma religião de matriz africana. Bernardo (2005) diz: “o feminino no poder. Esse fato provoca estranhamento em nossos dias. Imaginem nos séculos XVIII e XIX, quando mulheres negras surgem na Bahia como sacerdotisas centrais dos templos de uma expressão religiosa denominada Candomblé”. (BERNARDO, 2005, p.1).

Partindo desse contexto, percebemos que mesmo diante da ocupação de um lugar de poder dentro de uma religião afro-brasileira, as mulheres negras, enquanto minoria social, ainda estão sobre o jugo colonial advindo de um sistema patriarcal de dominação política, ideológica e econômica, que as submetem a um processo de exclusão histórica na sociedade.

Em conformidade a escritora e filósofa Simone de Beauvoir (1949), afirma que:

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de obediência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi como ela se constitui concretamente como o Outro. (BEAUVOIR, 1949, p. 207)

Dessa maneira, “no momento em que mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens” (BEAUVOIR, 1949, p. 21), e ainda que exerçam e ocupem o espaço de liderança

religiosa, não são isentas da estigmatização, invisibilização e silenciamento, uma vez que sofrem diversas formas de opressões, discriminação e violências correlatas derivadas do sistema patriarcal, que gera inúmeras desigualdades, marginaliza e exclui socialmente essas mulheres negras devido a sua cor, classe social, gênero e religião.

Todavia, é indubitável que a participação das mulheres é um elemento de extrema relevância nos espaços religiosos, essencialmente no candomblé, ao atenderem o chamado da ancestralidade e experimentarem uma posição de destaque, a religião confere a essas mulheres um status social, que se configura como uma conquista feminina, pautada no reverenciamento e reconhecimento em vida pela comunidade, da qual faz parte. Ao exercerem poderes simbólicos e concretos por meio de uma dimensão espiritual e material, em movimentos de resistência, vem enfrentando as adversidades existentes em suas trajetórias.

7.1 A IMPORTÂNCIA DA INTERSECCIONALIDADE

Para compreendermos adequadamente as sobreposições das formas de discriminação e opressões de gênero, raça, classe e religião, que atingem de forma homogênea a mulher negra de candomblé, utilizaremos o conceito da interseccionalidade, para entrelaçar essas categorias, tendo como referência a pesquisadora e ativista norte-americana Kimberlé Crenshaw (2002) e a autora brasileira Carla Akotirene (2018).

Desse modo, é fundamental frisarmos a importância da interseccionalidade para pensarmos e compreendemos as dinâmicas dos sistemas discriminatórios que constantemente se sobrepõem, se entrecruzam e operam juntos, atravessando as mulheres negras através das múltiplas opressões, que as impedem de serem protagonistas de suas próprias histórias.

Segundo Kimberlé Crenshaw (2002), a interseccionalidade busca capturar e compreender as diversas consequências estruturais da interação e cruzamento entre os eixos sociais, tratando da forma pelo qual os sistemas discriminatórios como o racismo, patriarcalismo, a opressão de classe, entre outros que criam desigualdades e estruturam as posições relativas das mulheres.

Kimberlé Crenshaw é enfática ao salientar que:

Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados à suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual são 'diferenças que fazem a diferença' na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Dentro desse contexto, constatamos que ao longo da história, as mulheres negras sempre estiveram presentes na base da pirâmide social, e mesmo transgredindo essa lógica, ocupando um espaço de poder dentro do candomblé, essas mulheres ainda estão sujeitas ao sexismo, racismo, preconceito e intolerância religiosa, além das representações estereotipadas, sendo a todo tempo silenciadas e hipersexualizadas.

Nesse sentido, ao partirmos das perspectivas de Kimberlé Crenshaw (2002) e Carla Akotirene (2018), entendemos o quanto é importante analisarmos e tratarmos os marcadores sociais, que ocasiona em diversas formas de opressões de forma interseccional, uma vez que "a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado" (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Nessa linha, a interseccionalidade nos auxilia no processo de compreensão das experiências interseccionais das mulheres negras, diante das diversas formas de opressões que estruturam as relações e constituem alianças em um processo de interconexão que se retroalimenta de forma múltipla e simultânea.

Com isso em mente, ao observarmos as construções sociais, percebemos que a sociedade no qual estamos inseridos, se constitui de ideologias opressoras, oriundas de um sistema racista, eurocêntrico, sexista e patriarcal, que vem afetando as mulheres negras, em virtude de suas identidades múltiplas. Em vista disso, não podemos tratar os marcadores sociais isoladamente, uma vez que, operam e articulam-se em conjunto.

7.2 A INTERSECCIONALIDADE E AS IYALORIXÁS NOS TERREIROS

Quando nos debruçamos nos estudos sobre a interseccionalidade, nos permitimos compreender como os eixos de poder de raça, classe, religião, gênero, entre outros se entrecruzam e estruturam as relações humanas de forma excludente. Nesse sentido, quando nos propomos em identificar e compreender os desafios

existentes na trajetória de uma mulher negra candomblecista, percebemos que as iyalorixás, mulheres negras líderes, que exercem o poder feminino para ministrar e manter os segredos, ritos e fundamentos do candomblé, encontram-se em uma encruzilhada de opressões e de violências correlatas, que discriminam, criam encargos singulares e colocam em vulnerabilidade suas vivências e experiências em suas comunidades-terreiro, o que, em certa medida, pode impactar diretamente no desenvolvimento das atividades, ligadas à condução dos cultos à natureza e à ancestralidade.

Para compreendermos tal dinâmica, evocamos a voz de Jaqueline dos Santos (2018), ao relatar que:

Para além da observância de tabus que atingem as mulheres de forma específica e colocam o corpo feminino em evidência, como a menstruação, a existência de uma forte divisão sexual de tarefas executadas nesses espaços de culto, delimitando funções exclusivamente femininas e outras exclusivamente masculinas, acaba por refletir a forma diferenciada e desigual com que homens e mulheres participam da sociedade brasileira e nos permite discutir noções de poder e tradição, elementos muito caros ao campo da religião (SANTOS, 2018).

Logo, uma vez que compreendemos o papel da mulher negra na sociedade brasileira, ocupando um espaço de poder dentro dos terreiros e sendo protagonista da sua própria história, conhecemos os processos que constituem suas subjetividades e criação de identidade. Além dos seus desafios e vulnerabilidades, advindos de reflexos dos determinantes sociais com suas estruturas e hierarquias oriundas de um sistema patriarcal de base europeia.

Neste âmbito, ao discorrermos sobre os desafios de uma mulher negra dentro do candomblé, pertencente a uma comunidade do interior do Recôncavo da Bahia, precisamos analisar e compreender as diversas formas de discriminação que opera e atravessa cotidianamente a vida dessa mulher negra, em um processo de sobreposições de opressões de classe, raça, gênero, religião e até mesmo região, sendo estes, eixos estruturantes que atuam como um nó, de forma imbricada e relacional formando e delineando as engrenagens das nossas relações sociais na sociedade.

Dessa maneira, discutir sobre o entrecruzamento de opressões que atingem as iyalorixás nos terreiros, nos permite identificar e criar mecanismos de sobrevivência e resistência que possibilite essas mulheres permanecerem na gerência das suas casas

de santo, liderando e preservando saberes e costumes tradicionais.

7.3 ANCESTRALIDADE, RESISTÊNCIA E FÉ

Segundo Eduardo de Oliveira (2012), a ancestralidade é uma filosofia e uma epistemologia que produzem mundos, sendo uma forma cultural africana produzida e recriada tanto na África como em diáspora pelos africanos e seus descendentes, através de um regime singular e abrangente “capaz de englobar todas as experiências de africanos e afrodescendentes e, ao mesmo tempo, singularizar cada experiência com seu sentido específico, forjado no calor do acontecimento” (OLIVEIRA, 2012, p.39).

Neste sentido, a filosofia da ancestralidade é salvaguardada dentro dos terreiros de candomblé e ao repousar nesse terreno, cria diálogos fecundos e criativos com nossa experiência cultural e a nossa multiplicidade de identidade enquanto povos africanos vivendo em diáspora, uma vez que sendo “fruto do agora, a ancestralidade ressignifica o tempo do ontem” (OLIVEIRA, 2012, p.40).

Isto posto, constatamos que a ancestralidade, enquanto filosofia, fecunda dentro dos terreiros em um processo de inclusão e recepção da nossa diversidade, dialogando com as nossas experiências e heranças africanas, constituindo nossa identidade cultural, além de cultivar um elo entre nossos antepassados e com a nossa memória ancestral.

Dentro desse contexto, Wanderson Flor do Nascimento (2016), nos faz pensar os candomblés como um modo de vida, como experiências de resistência ao recriar os modos de vida em diáspora derivadas das nossas raízes africanas. O autor é enfático ao dizer que:

[...] os candomblés, de modo generoso, oferecem às pessoas brasileiras um modo de viver que possibilite a salvaguarda de conhecimentos, valores, crenças em um contexto histórico que se esforçou por exterminá-los quando da saída compulsória das pessoas negras do velho continente negro. Por isso, poderíamos pensar os candomblés como uma religião definida como um modo de vida que se mostra como um *continuum* criativo entre nosso país e alguns lugares do continente africano (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p.162).

Com base nas perspectivas de Oliveira (2012) e Flor do Nascimento (2016), fica evidente o entrelaçamento da ancestralidade com o modo de vida existente nos

terreiros de candomblé, um lugar que é permeado de conhecimentos filosóficos, religiosos e socioexistenciais, alicerçado nas heranças ancestrais das tradições africanas na diáspora. Assim sendo, vem viabilizando movimentos de resistência para a preservação da nossa cultura.

Através da força feminina, as mães de santo, na gerência dos seus terreiros, vêm contornando os obstáculos, sendo agentes de resistência, desenvolvendo estratégias de defesa pela manutenção dos saberes e segredos dos cultos aos ancestrais, baseados em elementos filosóficos ancestrais. Essas mulheres de candomblé são portadoras de memórias, e em movimentos de resistência e sabedoria, dão corpo e voz às suas comunidades-terreiro, transmitem saberes vividos em uma tradição que tem como base a transmissão de conhecimentos de geração a geração de forma oral e interpessoal.

Ao exercerem a sua ancestralidade, as mulheres negras afirmam sua identidade dentro e fora dos terreiros, reconstruindo e ressignificando a sua trajetória contra a escravidão e o racismo, tornando-se guardiãs do sagrado e dos costumes da cultura afro-brasileira.

Desse modo, ao seguirmos o percurso da trajetória de resistência, ancestralidade e fé da Iyá Sueli de Oxum, um exemplo vivo de força, fé, resiliência e perseverança, compreendemos as complexidades e desafios que constituem sua subjetividade e o papel que desempenha em sua comunidade, enquanto uma mulher negra, pobre, candomblecista e líder religiosa, sendo uma representatividade do legado tradicional e uma agente de resistência, frente a desconstrução da ordem hegemônica e eurocêntrica vigente, calcada em valores patriarcais operacionalizados por uma estrutura da violência, preconceito e discriminação.

Com base na história de vida da Iyá Sueli de Oxum, notamos as desigualdades sociais e culturais existentes em seu cotidiano, que vindo de origem humilde, desde a infância teve que lutar e desenvolver estratégias de sobrevivência. Deste modo, ao narrar sua trajetória dentro e fora do sacerdócio, Sueli de Oxum nos evidencia as diversas provações e necessidades que passou em seu dia a dia.

No Curta “Ominikan: águas que regam os sonhos”, de Preto Jhoy(2021), e durante as conversas que tivemos em seu terreiro, nos conta parte da sua trajetória, relatando períodos difíceis da sua vida, onde o cotidiano da sua família é marcado pelos vestígios da pobreza e fome, e ao ser atravessada por diversas privações, tendo

seus direitos básicos negados é obrigada a trabalhar desde cedo para ajudar sua mãe que a criou sozinha em um cenário de extrema vulnerabilidade social.

Acerca dos constantes problemas socioeconômicos e da sua luta contra a miséria e as diversas adversidades que surgiram ao longo da sua vida, Iyá Sueli de Oxum (2021), destaca no trecho abaixo:

Fui doméstica, lavadeira, passei por dificuldades com minha mãe, teve vezes de chegar na hora do almoço e só ter um ovo para dividirmos para nós duas, mas a minha fé em meu orixá, a minha fé em Olorum, a minha persistência, eu nunca perdi e hoje eu estou aqui graças a Olorum com meu Ilê aberto, e hoje eu tenho para dividir e ontem eu pedia. Mas, eu agradeço a Olorum, agradeço a Oxum, tudo que passei por Oxum, porque ela hoje me deu e mim dá, a mim e ao meu povo e aos meus filhos. (Iyá Sueli de Oxum, 2021).

Partindo do seu relato, constatamos o poder da sua fé e perseverança na luta para viver dignamente no seio dessa sociedade colonialista que oprime a sua existência, onde apesar de tantas mazelas e dificuldades, com sua força, coragem e principalmente sua fé consegue se reerguer e tornar-se referência em sua comunidade.

Nessa direção, sobre a condição feminina negra, a filósofa e antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (1982), nos evidencia que:






















[...] é a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder. (GONZALEZ, 1982, p. 104).

Seguindo o curso dos argumentos de Gonzalez (1982), podemos pensar e refletir a partir de um olhar mais crítico, a condição da mulher negra ao ocupar um lugar de luta e enfrentamento das injustiças sociais, sendo articuladora no seio familiar de ações de resistência e libertação ao trilhar caminhos concretos pelo fortalecimento da identidade e dos saberes do seu povo, cuja ancestralidade carrega uma história invisibilizada, por um processo contínuo de apagamento da sua memória.

Mãe Sueli de Oxum, enquanto potência ativa, matrigestora e matripotência ancestral, torna-se uma entidade cultural, social, política e histórica dentro da sua comunidade e com sua autonomia, independência e capacidade de enxergar a frente

do seu tempo, vem atuando no campo da valorização da cultura tradicional e pelo combate à intolerância religiosa, além de representar o poder das mulheres de candomblé. Através da sua atuação social, recebeu diversas honrarias e hoje, é detentora do título de Doutora Honoris Causa pela Faculdade Formação Brasileira e Internacional da Capelania e a Ordem dos Capelães do Brasil (OCB), sendo reconhecida pelo seu legado político e cultural dentro e fora do candomblé, além da sua contribuição na preservação e perpetuação da cultura e memória do seu povo.

8 CRONOGRAMA

	Referências e seleção de bibliográficas	Coleta de dados	Elaboração de questionário	Pesquisa de campo	Escrita monografia	Revisão da escrita	Apresentação escrita e oral
2019.2							
2020.1							
2020.2							
2021.1							
2021.2							
2022.1							
2022.2							

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BERNARDO, Teresinha. **O candomblé e o poder feminino**. Revista de Estudos da Religião, São Paulo: Puc-SP, n. 2, ano 2005, p. 1-21.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** [tradução Sérgio Miller]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- CAMPOS et al. 2021. **Observação Participante e Diário de campo: quando utilizar e como analisar?**. In book: Métodos de Pesquisa Qualitativa para Etnobiologia (pp.95 - 112)
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na igreja e na política**. 1ª ed. -- São Paulo: Outras expressões, 2013.
- FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis**. Ensaio Filosóficos, v. 13, p. 153-171, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: LUZ, Madel T. (org.) In: **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**- ed 12. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Capítulo 8, **A entrevista**.
- JHOY, Preto. OMINIKAN: ÁGUAS QUE REGAM OS SONHOS(DOC.) Produção: OSE produtora. Edição: Preto Jhoy. Plataforma Youtube, 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=w8Bh6WoLrd4&t=146s> >. Acesso em: 06/03/2022.
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **O conceito de “nação” nos candomblés da Bahia**. Departamento de antropologia, F.F.C.H. Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 1976. Disponível: <http://scholar.google.com.br/scholar.pdf>. O conceito de nação nos candomblés da Bahia. pdf. Acessado em: 10/05/2022
- MARIANO, Agnes. **Mães de Santo**. Publicado em SOTEROPOLITANOS: cultura Afro. 2007. Disponível: <http://soteropolitanosculturaafro.wordpress.com/2007/11/08/maes-de-santo/> Acessado em: 05/04/2022

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-Brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE, [S. l.], p. 28-47, maio-out/ 2012.

PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **Iyá Zulmira de Zumba: Uma trajetória entre nações de candomblé** (Tese de Doutorado em Antropologia). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Jaqueline. **“Mulheres de santo”**: gênero e liderança feminina. Revista NGANHU: Dossiê do I Seminário Geparrei ‘Tornar-se Negro’: uma homenagem a Neusa Santos Souza. Vol. 1, Nº. 1 (2018).

SANTOS, Nívea Alves dos. **Entre ventos e tempestades: os caminhos de uma gaiaku de Oiá**. Dissertação de Mestrado orientada por Luis Nicolau Parés do Programa Multidisciplinar de Pós- Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.